

A INTERINCOMPREENSÃO E O EMBATE ENTRE OS INTERNAUTAS PRÓ-BOLSONARO E PRÓ-PETISTAS NA REDE SOCIAL FACEBOOK

THE INTERINCOMPREHENSION AND THE CLASH BETWEEN PRO-BOLSONARO AND PRO-PETISTAS NETIZENS IN THE SOCIAL NETWORK FACEBOOK

Silvania Cavalcante¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Neste artigo, investiga-se a construção de posicionamentos discursivos no debate em torno da eleição presidencial de 2018, no Brasil, na rede social Facebook. Como quadro teórico, recorre-se à Análise do Discurso de linha francesa, orientada por Maingueneau, com objetivo de analisar o embate entre os internautas pró-Bolsonaro e pró-petistas a partir da reconstituição dos posicionamentos discursivos por meio da mobilização dos conceitos de ethos, interdiscursividade, interincompreensão e polêmica discursiva. O primado do interdiscurso, constituído por universo, campo e espaço discursivos, contribui metodologicamente para análise. Portanto, diante do contexto contemporâneo em que muito se avançou a maneira pela qual nos comunicamos devido ao desenvolvimento da tecnologia e ao advento da internet, tornam-se necessários estudos sobre os efeitos desses avanços no discurso. Dessa forma, este trabalho acompanha processos de produção de sentido no discurso por meio do levantamento de dados na rede social Facebook, buscando entender a intensa polarização política que se expandiu para as redes sociais da internet no Brasil.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Ethos; Interincompreensão; Polêmica discursiva; Facebook.

Abstract: In this article, we investigate the construction of discursive positions in the debate around the presidential election of 2018, in Brazil, in the social network Facebook. As a theoretical framework, we use the Discourse Analysis of the French perspective, directed by Maingueneau, with the purpose of analyzing the clash between pro-Bolsonaro and pro-petistas netizens from the reconstitution of the discursive positions by mobilizing the concepts of ethos, interdiscursivity, interincomprehension and discursive polemic. The primacy of interdiscourse, constituted by discursive universe field and space, contributes methodologically to the analysis.. Therefore, in view of the contemporary context, in which the way in which we communicate due to the development of technology and the advent of the Internet has advanced a lot, studies on the effects of these advances in discourse are necessary. In this way, this work accompanies processes of producing meaning in the discourse through data collection on the social network Facebook, seeking to understand the intense political polarization that has expanded to the social networks of the internet in Brazil.

Keywords: Discourse Analysis; Ethos; Interincomprehension; Discursive polemic; Facebook.

Submetido em 21 de novembro de 2019.

Aprovado em 07 de janeiro de 2021.

¹ Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009); Especialista em Educação Básica: Gestão Escolar pela UERJ (2011) e mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (UERJ). Email: silamaral84@hotmail.com.

Considerações iniciais

O presente trabalho tem como objetivo analisar a formação de posicionamentos discursivos no debate em torno da eleição para presidência do Brasil, na rede social Facebook, a partir de um recorte da minha página digital. Trata-se de um evento da história republicana recente que parece se constituir por contornos distintos daqueles assumidos pelos pleitos anteriores, por razões diversas, entre elas a polêmica prisão do candidato com maior índice de intenções de votos em levantamentos anteriores da campanha, e o uso exacerbado das redes sociais que desencadeou o esgarçamento das formas de interlocução e diálogo.

Apesar deste trabalho não estar interessado, de forma alguma, nas questões partidárias, faz-se necessária uma contextualização do evento, eleição 2018 no Brasil, da qual participaram os seguintes candidatos à presidência: Ciro Gomes, do Partido Democrático Trabalhista (PDT); Marina Silva, do partido Rede Sustentabilidade (REDE); Guilherme Boulos, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL); Geraldo Alckmin, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB); Henrique Meireles, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB); Álvaro Dias, do Podemos (PODE); João Amoêdo, do Partido Novo; Cabo Daciolo, do Patriota; José Maria Eymael, do partido Democracia Cristã (DC); João Goulart Filho, do Partido Pátria Livre (PPL); Vera Lucia, do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU); Jair Bolsonaro Partido Social Liberal (PSL) e Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT) – este escolhido pelo PT para substituir o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, condenado em segunda instância na Operação Lava Jato. Lula da Silva teve, portanto, o registro de candidatura negado pelo Tribunal Superior Eleitoral com base na Lei da Ficha Limpa no final de agosto. No dia 07 de outubro, a eleição resultou em 46% dos votos para Bolsonaro e 29% dos votos para Haddad. Resultado que não finalizou a disputa, conduzindo-a para o 2º turno.

O candidato Jair Bolsonaro, que possuía pouco tempo de televisão, concentrou sua campanha nas redes sociais e intensificou-a após ter sofrido uma facada no dia 6 de setembro de 2018, o que o impediu de fazer atos de rua. Segundo a Folha de São Paulo², a pesquisa Datafolha revelou que os eleitores de Bolsonaro são os que mais usaram as redes sociais. Dentro deste contexto, podemos observar um exacerbado embate entre os internautas pró-Bolsonaro e pró-Petistas.

² Disponível em: <<http://www1-folha-uol-com-br.cdn.ampproject.org>>. Acesso em: 10 out. 2018.

A polarização política entre direita e esquerda tomou maior forma, no Brasil, no meado do segundo mandato da presidente Dilma Rousseff (PT) em 2016. O processo de impeachment já estava em andamento. No contexto de uma crise político-econômica iniciada em 2014, ocorreram várias manifestações populares durante o ano de 2015 e no dia 13 de março de 2016, houve um grande ato político. De um lado, “coxinhas” clamavam pelo combate à corrupção, apoiavam a Lava Jato e colocavam o juiz Sergio Moro como herói nacional, e foram às ruas para manifestar sua insatisfação contra o governo. Do outro lado, “petralhas” criticavam as atitudes do juiz Sergio Moro, acusavam-no de extrapolar as exigências de seu cargo, acreditavam que regras básicas do Estado democrático de Direito estavam sendo feridas, chamavam a possível destituição da presidente Dilma de golpe, e foram às ruas contra o impedimento.

Há, nesse contexto atual, uma polarização política, que divide o povo brasileiro e que pode ser percebida nas relações sociais, sobretudo, nos discursos, pois existe uma implicação de ambos numa inter-relação dinâmica. Logo, torna-se importante registrar e tentar entender o modo como se compõe os posicionamentos discursivos distintos. Na rede social Facebook, há dois posicionamentos, pró-Bolsonaro e pró-Petista, que concorrem no mesmo campo discursivo, político, em uma interincompreensão.

Neste artigo, a perspectiva teórica adotada é Análise do Discurso de linha Francesa, e para proceder à análise, serão levadas em conta algumas postulações de Maingueneau, como: interdiscurso, interincompreensão, polêmica discursiva e ethos, que serão mais bem elucidadas no tópico “Pressupostos teóricos.” Reconhecendo a importância teórica do primado do interdiscurso, Maingueneau (2005) propõe a operação desse princípio por uma tríade, a saber: universo, campo, espaço discursivos, que podem contribuir para a compreensão de como se dão os posicionamentos discursivos, que serão erigidos no item, *Facebook como corpus de análise: a interdiscursividade e a presença do ethos*.

A noção de interdiscurso não atribui ao discurso uma identidade fechada. O interdiscurso valoriza a constituição de uma identidade discursiva a partir da relação com o Outro, pois é o interdito, o dizível faltoso, que constitui a identidade do discurso. Portanto, o princípio da unidade da formação discursiva³ (FD) não é a coerência semântica, mas um conflito regulado. Dessa forma, o discurso não lidará com o Outro como tal, e sim, com o simulacro construído por ele. (MAINGUENEAU, 2005)

³ “O termo formação discursiva provém de *A arqueologia do saber* e foi redefinido por Pêcheux”. (MAINGUENEAU, 2005, p. 20)

O conceito de interincompreensão (MAINGUENEAU, 2005) remete-se à tradução, um mecanismo regular relacionado às formações discursivas, que não está ligado à forma de mal-entendido, mas às regras de passagem de uma interpretação a outra. Uma das formas de relação entre dois posicionamentos discursivos é a polêmica, que é fundada por esse mesmo processo de interincompreensão.

Com relação à noção de ethos, segundo Maingueneau (2008), ela se constrói no âmbito da atividade discursiva, e é por natureza um comportamento, na qual se articula o verbal e o não verbal, produzindo efeitos multissensoriais aos destinatários. Assim sendo, a compreensão do ethos contribui, no caso deste trabalho, para perceber a adesão dos internautas a certa posição discursiva em seus perfis.

Este artigo constitui-se por 4 seções, além dos segmentos Introdução e Considerações finais. A primeira seção (próxima) busca explicar os conceitos que sustentaram teoricamente este trabalho e seu tema abordado, que é o processo de interincompreensão no embate político da rede social, Facebook. A segunda remete-se ao método aplicado a este estudo e aos dados selecionados. Já a terceira traz a discussão de como o interdiscurso pode contribuir para o entendimento das formações discursivas nas formas contemporâneas de comunicação nas redes sociais da internet e apresenta todos os dados coletados. Ainda demonstra a atuação dos internautas na utilização de seus perfis virtuais para indicar e apoiar seu candidato político, no qual se pôde perceber a noção de ethos. A última seção refere-se à análise do décimo dado e seu processo de interincompreensão.

1. Pressupostos teóricos: interdiscurso, interincompreensão, polêmica discursiva e ethos

Esta seção apresenta alguns conceitos que fundamentam este trabalho e caracterizam uma prática em AD numa perspectiva enunciativa. Até meados dos anos 80, as teorias semânticas pareciam concentrar seu foco de interesse sobre os itens e o modo de circulação dos sentidos. A partir deles, a proposta de Maingueneau (2005) sugere considerar um aspecto global, definindo o léxico como um dos planos em função dos quais os sentidos se inscrevem e circulam.

Nesse contexto, rompe-se com uma teoria da significação que esteja dirigida especificamente nos signos ou nas sentenças. Maingueneau (2005) propõe a teoria de uma semântica de caráter global, na medida em que rege o funcionamento de todas as

instâncias do discurso. Segundo ele, “o interdiscurso é regido por um sistema de coerções semânticas globais que se manifestam pelo fato de restringir ao mesmo tempo todos os ‘planos’ discursivos: vocabulário, temas, intertextualidade e instâncias de enunciação”. (MAINGUENEAU, 2005, p. 22, grifo do autor):

Dessa forma, torna-se improvável o trabalho com o aspecto de que há um lugar privilegiado de produção de sentidos. De acordo com Maingueneau (2005, p.80, grifo do autor), “Não pode haver fundo, ‘arquitetura’ do discurso, mas um sistema que investe o discurso na multiplicidade de suas dimensões”. Portanto, a produção de sentido não está localizada em único aspecto do texto, faz-se evidente a necessidade de lidar com o dinamismo da significância que controla a discursividade.

A produção de sentido e a circulação dos discursos de uma determinada conjuntura estão organizadas de acordo com um sistema de coerções semânticas próprios de cada posicionamento discursivo. Desse modo, o discurso é marcado pela presença constitutiva da alteridade, ou seja, o enunciado constrói sentido a partir da relação que estabelece com outros enunciados. Assim, essa interdiscursividade pode ser entendida como um princípio teórico organizador de nossa compreensão das práticas de linguagem. O primado do interdiscurso, como Maingueneau (2005, p. 35-36) aponta, implica construir “um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro”.

Segundo Maingueneau (2005), a competência interdiscursiva é formada por três aspectos: universo, campo e espaço. O aspecto universo é o mais extenso e corresponde ao conjunto de discurso, que interage em uma conjuntura, conseqüentemente, inacessível ao analista. O campo discursivo é definido por Maingueneau (2005, p.35) como “um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitando-se reciprocamente em uma região do universo discursivo”. Embora o campo discursivo seja um conjunto de formação discursiva que tem a mesma função social, sempre haverá uma concorrência. Essa concorrência delimita as formações discursivas mutuamente dentro de um campo, em relação de confronto, neutralidade aparente, aliança, etc.

Já o aspecto espaço discursivo é entendido por Maingueneau (2005, p. 37) como “subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para seu propósito colocar em relação”. Para o autor, o espaço discursivo compreendido como rede de interação semântica, é definidor de um processo de interincompreensão, por sua

própria condição de posições enunciativas. Esse processo será analisado mais à frente no dado (10), na seção intitulada “Análise do dado (10): interincompreensão, simulacro e polêmica”.

Ainda sobre essa competência, a interdiscursividade nega que a identidade do discurso se manteria na exterioridade, logo, a identidade discursiva se dá na constante reelaboração dos discursos a partir de sua interdelimitação com sua exterioridade. O caráter interdiscursivo compreende a interação semântica entre os discursos como um processo de interincompreensão. A compreensão de uma rede de interação discursiva propicia diversas posições enunciativas que definem a intercompreensão. Portanto, tanto se pode enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva quanto “não compreender” o sentido do enunciado Outro.

Segundo o autor, no interior de uma mesma língua, existem zonas de interincompreensão recíprocas que podem ser pensadas como tradução, que é definida como “regras de passagem de uma interpretação a outra sem tocar na estabilidade do significante” (MAINGUENEAU, 2005, p.100). Sendo assim, o Outro faz parte da constituição própria do discurso do Mesmo, porém, há um processo de tradução de seus enunciados na categoria do Mesmo, ou seja, a relação entre o Mesmo e o Outro se dá sob a forma de simulacro.

[...] o caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz aparecer a interação semântica entre os discursos como um processo de tradução, de interincompreensão regrada. Cada um conduz o Outro se dá a forma em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sob a forma do ‘simulacro’ que dele constrói (MAINGUENEAU, 2005, p. 103).

Então, o enunciado do Outro somente será “compreendido” no interior semântico do intérprete, o discurso não se relaciona com o Outro, mas com o simulacro que dele constrói, a fim de formar e resguardar sua identidade no discurso.

Nessa perspectiva, para Maingueneau (2010), o simulacro é próprio da natureza polêmica e é criado a partir do confronto de posicionamentos distintos. Esse confronto, consequência do simulacro, se apresentará a partir da relação polêmica, na qual cada polo discursivo recusa o outro, atribuindo seu próprio registro negativo, assim, reafirmando seu registro positivo. O registro polêmico está relacionado à condição em que os enunciados são produzidos e postos a circular. Portanto, o polêmico é fruto da própria identidade discursiva e do confronto entre identidades discursivas diferentes, como o autor aponta na seguinte citação:

Se se admite que a relação com o outro é constitutiva, segue-se que as modalidades do polêmico variam em função dos posicionamentos concernidos. Alguns posicionamentos são destinados a produzir incessantemente textos polêmicos; outros se esforçam, ao contrário, para evitar os conflitos, mas tanto em um caso como no outro, este traço é parte integrante de sua identidade (MAINGUENEAU, 2010, p. 196).

Segundo Maingueneau (2005), o Outro faz parte da constituição própria do discurso do Mesmo, porém, há um processo de tradução de seus enunciados na categoria do Mesmo, ou seja, a relação entre o Mesmo e o Outro se dá sob forma de simulacro. De acordo com Rezende (2016), “o simulacro pode ser entendido como uma tradução do Outro com base no Mesmo, uma vez que é fruto do confronto de posicionamentos discursivos distintos”. Associado à ideia de tradução está o conceito de interincompreensão, no qual a compreensão dos sentidos de uma formação por outra é concebida sempre numa mediação tensa.

[...] Podemos entender a tradução, nesse contexto como um mecanismo de reformulação /reapropriação dos enunciados. Contudo, o enunciador não interpreta seu discurso, ou seja, não é a partir de si mesmo que os enunciados serão compreendidos, mas por um privilégio reservado a uma instância exterior, ao Outro. (DEUSDARÁ; GESTEIRA, 2018)

Em relação à noção de ethos, apesar de ela está associado ao ato de enunciação, Maingueneau (2008) destaca que o público pode construir representações do ethos do enunciador antes mesmo que ele fale. Além disso, o ethos visado não é necessariamente o ethos produzido. A noção de ethos possibilita compreender sobre o processo de adesão dos sujeitos a certo posicionamento discursivo. Processo esse, mais evidente em discursos como o da publicidade e o da política.

Maingueneau (2008) propõe uma distinção entre ethos discursivo e ethos pré-discursivo. Nesse último, ainda que não se saiba nada sobre o enunciado, pode-se criar expectativas sobre o ethos a partir de um gênero discursivo ao qual o texto pertence ou a partir de um posicionamento concernido. Já o ethos discursivo diz respeito à representação que o coenunciador faz do enunciado no momento que a enunciação ocorre.

O plano ethos tem importância no quadro teórico-metodológico da AD por estar associado à reflexividade enunciativa e à reação entre corpo e discurso que ela implica. O

ethos não é constituído apenas por um estatuto ligado à cena, mas por uma “voz” e um corpo enunciante que não se separam e possuem uma história específica.

[...] A retórica tradicional ligou estreitamente o ethos à eloquência, à oralidade em situação de fala pública (assembleia, tribunal...), mas cremos que, em vez de reservá-la para a oralidade, solene ou não, é preferível alargar seu alcance, abarcando todo tipo de texto, tanto os orais como os escritos. Todo texto escrito, mesmo que o negue, tem uma “vocalidade” que pode se manifestar numa multiplicidade de “tons”, estando eles, por sua vez, associados a uma caracterização do corpo do enunciador (e, bem entendido, não do corpo do locutor extradiscursivo), a um “fiador”, construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação. O termo “tom” tem a vantagem de valer tanto para o escrito como para o oral. (MAINGUENEAU, 2008, p. 17-18)

Para Maingueneau (2008), essa instância subjetiva encarnada está associada ao fiador, que é construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação, caracterizando um corpo enunciador associado a uma “vocalidade”. Atribui-se ao fiador um “caráter” e uma “corporalidade” que se ligam a ele pelas representações sociais estereotípicas valorizadas ou não, em que a enunciação se apoia, o “caráter” corresponde a um conjunto de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela está relacionada às determinações físicas, à forma de vestir-se, de mover-se no espaço social e de agir. Visto que, nessa perspectiva, o ethos é compreendido como um comportamento em uma dada situação de comunicação. O próximo segmento diz respeito ao método deste estudo.

2. Metodologia

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, porque privilegia a análise de micro processos através do estudo das ações sociais individuais e grupais e está relacionada ao levantamento de dados, portanto não tem o interesse de obter números como resultados. Assim, a preocupação do analista é de aproximar-se dos dados. Neste caso, por meio da AD com base teórica em Maingueneau, examina-se, nos dados gerados, a construção de posicionamentos discursivos distintos - pró-Petistas e pró-Bolsonaro, sobre as eleições 2018, na rede social Facebook.

O interesse por essa investigação surgiu a partir do momento em que as publicações, nas páginas digitais, no Facebook, se tornaram disputas. O embate que se manifestou, nas redes sociais, revelou mais intimamente à divisão de um povo, e isso parecia angustiar todos. Sendo assim, tornou-se importante registrar de alguma forma as

publicações, elas foram separadas e transcritas no período após o resultado do 1º turno das eleições.

Os dados de (1) a (14) são textos que foram publicados nas páginas de amigos no Facebook e estão neste trabalho por motivo de registro e para contribuir com o entendimento das relações interdiscursivas e estão inseridos na próxima seção, intitulada “Facebook como corpus de análise: Interdiscursividade e a presença do ethos nos perfis”. O dado (10) será estudado mais à frente neste trabalho dentro dos aspectos de interincompreensão, simulacro e polêmica no tópico “Análise do dado (10): interincompreensão, simulacro e polêmica”.

Os dados (15), (16), (17) foram algumas postagens, e os dados (18), (19), (20) foram retirados dos perfis, todos eles presentes nas páginas dos eleitores assumidos do candidato Bolsonaro. Esses dados foram escolhidos porque os eleitores se colocam como “trabalhadores” da campanha do candidato, portanto, percebi que o conceito de ethos estava ali presente. Faz-se necessário salientar que todos os dados foram transcritos, fielmente, conforme encontrados nas páginas do Facebook.

3. Facebook como corpus de análise: a interdiscursividade e a presença do ethos nos perfis

O Facebook é uma rede social que permite a interação de diferentes sujeitos que expõem e compartilham opiniões, ideologias e valores. As redes sociais agregam pessoas, que criam perfis virtuais para si mesmas, nos quais informam interesses pessoais e profissionais, como também, podem postar vídeos, fotos, mensagens, e vários tipos e gêneros textuais. As postagens de qualquer perfil no Facebook podem ser comentadas, compartilhadas e “curtidas” (curtir indica aprovação de algum conteúdo publicado). E nesse complexo ambiente virtual, novos discursos são construídos em uma movimentação incessante de posicionamentos.

Com o intuito de entender o funcionamento das relações interdiscursivas fiz um paralelo entre a rede social, Facebook, e as categorias de Maingueneau (2005) para “apreender” o interdiscurso sem intenção de diminuí-las ou banalizá-las de forma alguma, mas utilizá-las como orientação. Portanto, articulo o quadro metodológico postulado por Maingueneau (2005) das categorias aos dados levantados. Para o autor, a competência interdiscursiva se constitui por uma tríade: universo, campo e espaço

discursivos. A concepção de universo é a mais ampla e seria inacessível ao analista, porque corresponde ao conjunto de discursos que interagem em uma conjuntura dada.

Contrário a isso, talvez, atualmente, as redes sociais permitam ao analista, de certa forma, apreender um universo discursivo. Na minha página, pude perceber formações discursivas de todos os tipos (histórica, política, religiosa, moralista, de memória, de fato etc.) que interagem em torno da conjuntura, eleições 2018, no Brasil. Como Maingueneau (2005, p. 35) bem aponta, “o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada”. Vejamos alguns exemplos:

(1) O PT apoiou sete ditaduras! E o Bolsonaro é quem ameaça a democracia?

(2) 12 ANOS DE PT E NÃO TEVE KIT GAY
O PT NÃO FECHOU IGREJAS
NÃO VIRAMOS CUBA
NÃO VIRAMOS VENEZUELA
A BANDERA É VERDE E AMARELA
NÃO VIRAMOS COMUNISTA
MAS OS MENTIROsos CONTINUAM OS MESMOS

(3) Em que democracia, um filho de um presidenciável diz que vai fechar um tribunal usando de força militar? Em nenhuma!!!

(4) Deus está vendo, vc ir à igreja e apoiar partido/ quadrilha q apoia o aborto e as drogas, tá!?

(5) Crente vê diabo na Coca cola, no Pokemón, no Harry Potter... mas quando vê um de verdade, diz que é a salvação do Brasil.

(6) Tempos estranhos. Os ateus estão tendo de explicar aos cristãos o que Jesus pregava.

(7) Essa eleição tirou mais evangélico da “suposta salvação” do que o carnaval.

(8) Desafio os eleitores do PT a postarem no Face: Eu sou contra a corrupção, lugar de político corrupto é na cadeia! 1,2,3 e, já...

(9) Haddad está falando que vai acabar com a corrupção. Será que ele vai votar no Bolsonaro também?!

(10) A diferença entre Haddad e Bolsonaro: Bolsonaro desautorizando a fala de um general em rede nacional... Haddad obedecendo ordens de um analfabeto em cadeia nacional...

(11) 45 milhões de apoiadores do fascismo tupiniquim!

(12) “Acalmem-se! Sim, ele é louco, mas não será ruim assim. Afinal, somos uma democracia e temos uma constituição. A constituição o deterá!” (Capa de jornal alemão voltado à comunidade judaica de Frankfurt logo depois da posse de Hitler).

(13) Gostei da proposta do Bolsonaro de cobrar 20% de imposto do salário mínimo. Ele volta para 794 reais em janeiro. Massa!

(14) Salário mínimo R\$ 954,00/ Bolsa presidiário R\$ 1.319,18/ Me convence que o PT sabe governar...

É bom lembrar que, o integrante do Facebook inclui várias pessoas (amigos), que também estão integradas ao Facebook, solicitando amizades ou aceitando solicitações, permitindo, assim, o acesso a sua página. Os integrantes possuem alguns amigos em comum, mas também amigos diferentes que não fazem parte da sua lista de amigos em sua página do Facebook, e que as postagens desses “amigos” aparecerem de forma aleatória e podem circular por meio de compartilhamentos de maneira difusa. Sendo assim, podemos perceber que há uma concorrência nos enunciados retirados da minha página (*corpus*), delimitando as formações discursivas a si e às outras em relação de confronto.

Percebe-se um campo discursivo político na página do Facebook, configurando uma relação de confronto. Pode-se observar, claramente, o Outro fazendo parte da constituição do Mesmo num processo de interincompreensão, constituindo a interdiscursividade. Como, por exemplo, os dados (1) e (3) que tratam sobre a democracia. No dado (1) “*O PT apoiou sete ditaduras! E Bolsonaro é quem ameaça a democracia?*” há a rejeição do discurso do seu Outro, ou seja, o interdito (dizível faltoso): Bolsonaro é um antidemocrata.

Já o dado (3) “*Em que democracia, um filho de um presidencial diz que vai fechar um tribunal usando de força militar? Em nenhuma!!!*” remete-se a um vídeo em que o deputado Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, declara que bastam um soldado e um cabo para fechar o Supremo Tribunal Federal. Apesar de sabermos que as postagens e compartilhamentos se dão de forma aleatória no Facebook e que nem todos os amigos visualizam as mesmas postagens, o dado (1) parece responder o dado (3), Bolsonaro não ameaça a democracia e sim o PT que “apoiou” ditaduras. Então, há uma relação com o Outro sem a alteridade marcada, ou seja, tratamos do interdiscurso, no aspecto de que, não se pode reduzir o Outro a figura do interlocutor. Portanto, um processo de interincompreensão numa interação semântica que é reelaborada a partir do Outro. Isso também pode ser percebido entre os dados (4), (5), (6) e (7).

Os dados (4) *“Deus está vindo, vc ir à igreja e apoiar partido/ quadrilha q apoia o aborto e as drogas, tá!?”*; (5) *“Crente vê diabo na Coca cola, no Pokemón, no Harry Potter ... mas quando vê um de verdade, diz que é a salvação do Brasil”*; (6) *“Tempos estranhos. Os ateus estão tendo de explicar aos cristãos o que Jesus pregava”*.; e (7) *“Essa eleição tirou mais evangélico da “suposta salvação” do que o carnaval.”* Referem-se a formações discursivas sobre religião. Logo, se você é cristão não deveria votar em partido de esquerda, por outro lado, se você é cristão deveria saber que o quê Bolsonaro defende não condizem com o quê Jesus pregava. Um processo de interincompreensão delimitando o Mesmo pelo Outro, confirmando que a identidade do discurso não se mantém na exterioridade, mas na sua interdelimitação com ela.

Ainda relacionados à ideia de democracia e sua oposição, há uma recuperação da memória histórica do fascismo e do nazismo nos dados (11) *“45 milhões de apoiadores do fascismo tupiniquim!”* e (12) *“Acalmem-se! Sim, ele é louco, mas não será ruim assim. Afinal, somos uma democracia e temos uma constituição. A constituição o deterá!”*, tratando, assim, de formações discursivas históricas.

Os itens (4) *“Deus está vindo, vc ir à igreja e apoiar partido/ quadrilha q apoia o aborto e as drogas, tá!?”* e (8) *“Desafio os eleitores do PT a postarem no Face: Eu sou contra a corrupção, lugar de político corrupto é na cadeia! 1,2,3 e, já...”* referem-se a formações discursivas de aspecto moralista. Então, votar no PT é igual a ser a favor do aborto, da liberação das drogas e da corrupção. Também o item (8) parece direcionar a culpa da corrupção no país ao PT. O dado (9) *“Haddad está falando que vai acabar com a corrupção. Será que ele vai votar no Bolsonaro também?!”*, também sobre corrupção, fixa a corrupção como característica do partido.

Ao observar alguns perfis no Facebook, pude perceber uma atuação ativa daqueles que eram pró-Bolsonaro. Os internautas pró-Bolsonaro empenharam-se em “abraçar” a campanha do presidenciável Jair Bolsonaro, dando força a “onda” *#Bolsonaro17* nas redes sociais. Os eleitores do candidato Haddad também se posicionaram, e talvez, como resposta a essa “onda” tenha surgido o movimento de mulheres, nas redes sociais, chamado *#ELE NÃO* contra o candidato Jair Bolsonaro.

Essa atuação dos eleitores pode ser analisada a partir da noção de ethos, de Maingueneau (2008), que postula que tal noção permite refletir sobre o processo de adesão dos sujeitos a certo posicionamento discursivo. A leitura que os eleitores fazem do candidato escolhido e de seu discurso político faz emergir uma instância subjetiva encarnada que atua como o fiador do discurso.

Portanto, para dar “voz” e “corpo enunciante” ao candidato, os eleitores de Jair Bolsonaro, que possuía um exíguo tempo de TV e que depois do acidente ficou impossibilitado de fazer atos de rua, aderiram à campanha. E confirmam essa adesão à campanha por meio de posts como:

(15) Nós trabalhamos é de graça pro Bolsonaro não entendeu PT? Aceita que dói menos!!! Movimento do povo brasileiro.

(16) Capitão fique em casa, deixe a campanha conosco, cai muito avião nessa época!

(17) ASSIM QUE PASSAR A ELEIÇÃO, EU VOU PEDIR UMAS FÉRIAS PARA BOLSONARO. NUNCA TRABALHEI TANTO.

Os eleitores alteraram seus perfis com temas e cores da campanha, utilizando sua própria imagem para posicionar-se. Entretanto, o que chama atenção são as frases de apoio ou contra o adversário do candidato nos perfis dos eleitores pró-Bolsonaro, já que não parece ser uma preocupação dos eleitores de Haddad, pois não encontrei frases nesses perfis.

(18) Meu voto é limpo como o meu candidato! #BOLSONARO 17

(19) NÃO SEJA MONGOLÃO #PT NÃO

(20) 2º Turno é presidente Bolsonaro
Muda Brasil de verdade

Portanto, podemos perceber por meio do *corpus* do Facebook, que há um embate nas redes sociais da internet. Então, emergem formações discursivas, que reforçam uma polarização entre os internautas: pró-Bolsonaro e pró-Petistas. De acordo com os dados dos perfis analisados, os internautas pró-Bolsonaro são mais atuantes com relação à utilização de seus perfis no apoio ao seu candidato, dessa maneira, eles submetem-se a fiador do discurso de seu candidato à presidência, Jair Bolsonaro. A próxima análise é importante para compreender como a polarização política, que tem segmentado o povo brasileiro, se estabelece por meio do discurso e, sobretudo, de que forma ela pode manifestar a relação polêmica e construir sentidos nas práticas discursivas.

No *corpus* (10): “*A diferença entre Haddad e Bolsonaro: Bolsonaro desautorizando a fala de um general em rede nacional... Haddad obedecendo ordens de um analfabeto em cadeia nacional...*”; podemos observar no interior da formação discursiva (FD)/ posicionamento pró-Bolsonaro a recuperação de fatos conhecidos

socialmente: a condenação e consequente prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e as constantes visitas do presidente Haddad a ele; mais a repreensão do presidente Jair Bolsonaro a declaração do Vice General Mourão que o 13º salário deveria acabar. Assim, ao associar o candidato Haddad a um “criminoso”, credita-se à imagem do partido petista o *status* de “criminalidade”.

Portanto, a FD pró-Bolsonaro traz para si a presença do Outro (FD pró-petista) delimitando a si e ao Outro reciprocamente, contudo, na tradução/ reformulação do Outro se baseia no Mesmo (FD pró-Bolsonaro), ou seja, na sua própria posição, construindo-se o simulacro do discurso rival que rebaixa o adversário. O simulacro construído é: o candidato Haddad é “pau-mandado” de um presidiário analfabeto. O Mesmo reivindica para si os registros positivos, ao atribuir a seu Outro os registros negativos. Logo, são posicionamentos destinados a produzir incessantemente textos polêmicos.

Considerações finais

Atualmente, torna-se necessária a discussão de como os sujeitos se ocupam dos mecanismos digitais para produzir sentidos e para posicionar-se nas práticas discursivas. Estudos que abram espaço para a compreensão da manifestação dos discursos e sua circulação nas redes sociais. É nessa perspectiva, que este trabalho tratou sobre o evento das eleições presidenciais nas redes sociais, tentando entender como se estabeleceram os posicionamentos discursivos dos internautas na rede social Facebook, como esses sujeitos produzem sentidos, como eles constroem o embate político.

Desse modo, entender o universo composto por diferentes tipos de formações discursivas é ressaltar e ratificar a natureza enunciativa do discurso e sua heterogeneidade. Uma perspectiva que integra de maneira não dissociável o Mesmo do discurso e seu Outro, no sentido de, uma heterogeneidade constitutiva que dimensiona o primado do interdiscurso. Trata-se de ir além da distinção entre heterogeneidade “constitutiva” e heterogeneidade “mostrada”, compreendendo que a relação do Outro no discurso não depende de uma alteridade marcada, ou seja, não se limita a orientação dialógica a um interlocutor. Portanto, afasta-se da dissociação da interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo. (MAINGUENEAU, 2005).

Por isso a contribuição do interdiscurso e da interincompreensão nos posicionamentos do discurso no Facebook. Os enunciados pró-Bolsonaro e pró-Petistas

organizados pelo interdiscurso, apresentando uma rede de interação semântica (espaço discursivo) delimitada pelo Outro (processo de interincompreensão) em uma concorrência política (campo discursivo). O Outro fazendo parte do Mesmo em uma forma de simulacro, permitindo identificar a identidade do discurso não no exterior, mas na sua delimitação com ele. Isso apresenta a importância da associação entre a interação dos discursos e o intradiscurso.

É evidente a importância da compreensão de como os avanços tecnológicos e o advento da internet, com alto poder de difusão de enunciados, conduzem a maneira de comunicar-se e como essas novas formas contribuem para a produção de sentidos no discurso e para estudos do caráter dialógico do enunciado, ou seja, a heterogeneidade no discurso. Sabe-se que as relações sociais, isto é, as relações de poder de uma sociedade estão intrinsecamente relacionadas às “verdades” acolhidas e disseminadas, discursos que ganham adesão. Então, em que sentido as redes sociais da internet podem reforçar a divisão de um povo? O discurso tem o poder de instaurar mudanças na sociedade quanto às práticas sociais têm o poder de promover mudanças no discurso. Assim, urge compreender a inter-relação que há entre as práticas sociais e as práticas discursivas. A linguagem constitui a sociedade quanto é constituída por ela.

Referências

DEUSDARÁ, Bruno; GESTEIRA, Paula. “*O mundo não pode ser dividido em coxinhas e petralhas*”: a construção de posicionamentos em torno do impeachment. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v.14, n.2, p.298-316, maio/ago. 2018.

FERNANDES, Talita; Dias, Marina. *Bolsonaro e Haddad levam debate para redes sociais*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 16 out. 2018. Disponível em: <<http://www1-folha-uol-com-br.cdn.ampproject.org>>. Acesso em: 17 out. 2018.

FIORATTI, Gustavo. *Eleitores de Bolsonaro são os que usam as redes sociais*. **Folha de S. Paulo**, 3 out. 2018. Disponível em: <<http://www1-folha-uol-com-br.cdn.ampproject.org>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

_____. As três facetas do polêmico. In: *Doze conceitos em Análise do Discurso*. POSSENTI, Sírio; SOUZA-e-SILVA, Maria Cecília Pérez (Orgs.). Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 187-198.

RECUERO, Raquel. *A Conversação em Rede: A Comunicação Mediada pelo Computador e as Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

REZENDE, Breno Rafael Martins Parreira Rodrigues. *Polêmica discursiva e intertextualidade: em pauta o compartilhamento de notícias na rede social*. PERcursos Linguísticos, Vitória. ES. v.6, n.13.2016.

SILVA, Edvania Gomes da; SILVA, Alessandra Souza. *Polêmica discursiva nas manifestações Anti e Pró Governo Dilma Rousseff*. Cadernos de Estudos- (58.1), Campinas, pp. 45-62-jan./abr. 2016.